

EXEMPLOS DE USO EM DICIONÁRIOS ESCOLARES BRASILEIROS PARA A LEITURA E A PRODUÇÃO TEXTUAL

Antonio Luciano Pontes*

Resumo

Exemplo lexicográfico é aqui concebido sob a perspectiva da metalexigrafia e da Teoria da Multimodalidade. A escolha deste estudo se justifica pela importância dos exemplos como paradigma informacional, pois assumem variadas funções comunicativas na composição do verbete lexicográfico. O estudo tem como objetivo classificar e analisar as funções do exemplo lexicográfico em dicionários escolares brasileiros. Para empreender a análise, tomo por base o estudo de Hernández (1994), de Humblé (2001), de Pérez (2000), de Calderón Campos (1994). Para análise da face visual do exemplo, levo em conta as contribuições dos teóricos ligados à teoria da multimodalidade, como Kress e van Leeuwen (2006). O material de estudo é formado por dicionários adotados na Escola de Ensino Fundamental, como: Ferreira (2001, 2010), Kury (2001), Luft (2004), Rocha (2005), Bueno (2007), Aulete (2009) e Mattos (2010) e Sacconi (2010).

Palavras-chave: Exemplo lexicográfico; Metalexigrafia; Teoria da Multimodalidade.

Abstract

Lexicographic example is conceived here under the perspective of Metalexigraphy and the Multimodality Theory. The choice for this study is justified from the importance of examples as informational paradigm as they assume varied communicative functions when composing the lexicographical article. The study's objective is to classify and analyze functions of the lexicographical example in Brazilian school dictionaries. In order to carry out the

research I rely on the studies of Hernández (1994), Humblé (2001), Pérez (2000), Calderón Campos (1994). Towards the visual analysis of the example I consider the contributions of scholars linked to the Theory of Multimodality, like Kress and Van Leeuwen (2006). The corpus studied consists of dictionaries such as: Ferreira (2001, 2010), Kury (2001) Luft (2004), Rocha (2005), Bueno (2007), Aulete (2009), Mattos (2010), and Sacconi (2010) used in the Primary Education School.

Keywords: *Lexicographical example; Metalexography; Multimodality Theory.*

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Segundo Aurox (1992, p. 65), o dicionário, como tecnologia, descreve e instrumentaliza uma língua e, ainda hoje, é considerado um dos pilares de nosso saber metalinguístico. Por isso, é fundamental que estudos sejam levados a efeito, urgentemente, reconhecendo o dicionário como um objeto multifacetado, de que resultam várias formas de examiná-lo sob várias perspectivas. Ou, parafraseando Gepí Arroyo (2000), que um dicionário é, por natureza, produto poliédrico, porque são múltiplos os pontos de vista sob os quais se pode descrevê-lo.

Apesar da reconhecida importância do seu uso, por vezes, o aluno, no cotidiano escolar, se frustra diante do dicionário por não ter sido orientado para consultá-lo conveniente e adequadamente. O professor, responsável por tal tarefa, deverá atentar para o fato de que o dicionário é um texto que tem estruturas retóricas próprias, com características muito particulares, o que significa ser preciso instrumentalizar o aluno com estratégias específicas e ha-

* Antônio Luciano Pontes é professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará, leciona Linguística, Lexicologia e Terminologia na Graduação e Pós-Graduação (Mestrado em Linguística Aplicada). Líder do grupo de pesquisa Lexicologia, Terminologia e Ensino – LETENS.

bilidades particulares para o seu manuseio e para a sua compreensão.

Por esse motivo, é necessário, então, que o professor conheça bem o dicionário, seus recursos retóricos, estruturais, estilísticos distintivos, comparados a outros tipos de textos. Com uma boa formação em Lexicografia Didática, poderá ele despertar no aluno as potencialidades do dicionário. Por meio de uma metodologia embasada e de uma bateria de exercícios adequados, essa obra didática pode ser considerada uma ferramenta importante e poderosa na formação linguística e cultural do escolar.

O objetivo principal deste estudo é analisar os exemplos de uso presentes em verbetes de dicionários escolares. Tomamos por base de análise os metalexígrafos que desenvolvem análises em torno de questões relativas aos exemplos de uso, como Hernández (1994), Humblé (2001), Pérez (2000), Forgas Berdet (1996), Calderón Campos (1994). O material de estudo é formado por dicionários escolares mais adotados na escola, como: Ferreira (2010), Bueno (2000), Mattos (2010), Luft (2004), Aulete (2009), Rocha (2005), Sacconi (2001).

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para fundamentar a análise, discorro sobre aspectos relativos ao funcionamento do verbete, defino o exemplo lexicográfico, e, em seguida, defendo sua importância no contexto de dicionário escolar, por natureza, híbrido de dicionário de recepção e de produção.

2.1 Aspectos semânticos e pragmáticos no texto-verbeta

O verbete lexicográfico se constitui de informações semânticas e pragmáticas, que se integram e se complementam na construção do sentido. Em outras palavras, os paradigmas informacionais são significativos na medida em que se definem como categorias dinâmicas e difusas, não sendo, pois, nem o exemplo nem a definição ou outro paradigma, *per se*, suficiente e absoluto em um texto lexicográfico.

Rey Debove (1971) sustenta tal verdade, quando afirma que a definição incompleta, apoiada em exemplos, torna-se completa semanticamente graças ao exemplo que a acompanha. O exemplo, no entanto, muitas vezes, pode também ilustrar a unidade lexical em uso.

Assim, o exemplo lexicográfico expressa traços semânticos e informações pragmáticas integrados entre si e, por vezes, integrados a outros paradigmas no interior do

verbeta, caracterizando-o como texto. Essa linha de pensamento coincide com a de Gelpí e Castillo (2004) ao afirmar que a transmissão do significado da unidade contida no dicionário é de *responsabilidade* do verbete lexicográfico e não só da definição, nem tampouco do exemplo lexicográfico. Por outro lado, segundo as mesmas autoras, deve-se levar em consideração que o sentido é transmitido *por* e *no* verbete. Na realidade, pode-se partir da suposição de que considerar que a transmissão de sentido realizada por meio do verbete completo seja uma opção lexicograficamente produtiva, porque o peso da transmissão do conhecimento fica integrado a *todo* o verbete. A partir desse pressuposto, Gelpí e Castillo (2004, p. 132) afirmam que todos os paradigmas no verbete são responsáveis pela construção da informação: “A informação é transmitida a partir de um ou mais de um tipo de indicações. São indicações a definição, os exemplos, as marcas gramaticais e pragmáticas, entre outras”. Por isso, os paradigmas, em geral, se cruzam, se superpõem e, raramente, se distinguem com objetividade.

Agora, discutirei o exemplo lexicográfico como um paradigma importante na construção do sentido em um texto-verbeta, pelas várias funções comunicativas que assume e pelos aspectos gramaticais e ideológicos que representa. No entanto, para Pérez (2000), tais informações deverão ser adaptadas à compreensão do usuário ao qual se destina o dicionário para não pecar nem pela trivialidade nem pelo grau excessivo de especialização.

2.2 O exemplo lexicográfico: discussões conceituais

Os exemplos de uso se constituem de fragmentos de textos autênticos¹, (adaptados ou não), ou inventados². Portanto, são enunciados que se acrescentam à definição para comprovar, ilustrar ou abordar uma palavra-entrada. Enquanto a definição constitui um modelo geral e abstrato, os exemplos se comportam como modelos concretos que servem ao usuário do dicionário para repeti-los ou para formar enunciados paralelos com o aval de um modelo de construção atual e culto (HERNÁNDEZ, 1994, p.112). Mas o exemplo não deve ser considerado menos importante que a definição, um material adicional do verbete lexicográfico; ao contrário, afirma Hernández, (1994, p.112), o exemplo de uso deveria ser o ponto de partida da definição e não simplesmente a prova de sua validade, mas uma parte integrante do verbete.

E acrescenta: “considerados como complementos, como meros acessórios - que como tais poderiam omitir-se

¹ Como nesse momento da Lexicografia brasileira não dispomos de um *corpus* que seja reflexo da parcela de língua-alvo do usuário escolar, temos de contar com exemplos criados pelo lexicógrafo, lembra Damim (2005, p.78).

² Há um tipo de exemplo, o adaptado, mas não ocorre na lexicografia brasileira.

- seria o mesmo que reconhecer que o dicionário é só uma obra com finalidade decodificadora”, ou seja, uma obra cuja função seria apenas a de ajudar o leitor a compreender os textos que lê.

O exemplo de uso, no entanto, está muito relacionado com a capacidade de produção das obras de consulta. Aliás, a ausência quase total de exemplos é uma das maiores insuficiências da lexicografia escolar brasileira. Por isso, está longe de uma obra dessa natureza cumprir com as funções codificadora (de produção) e decodificadora (de compreensão) que se lhe podem exigir. Os exemplos são fundamentais para contextualizar a unidade léxica que representa a entrada.

Os dicionários incluem exemplos, que ora aparecem em uns de forma mais esporádica, ora em outros de forma mais sistemática. Porém, essa não deve ser a questão. O importante é que eles apareçam com uma finalidade ou função comunicativa no interior do verbete. Portanto, deverão ser descartados os exemplos que não sirvam para nada, possam causar pistas perdidas ou apresentar contradições em relação à definição. Também os que aparecem como um adorno, incluídos simplesmente porque se disse que os exemplos de uso são importantes nos dicionários escolares.

3 ANÁLISE DO MATERIAL

Inicialmente, classifico o exemplo sob vários critérios, a partir do material coletado. Na sequência, descrevo-o à luz dos fundamentos da Teoria da Multimodalidade e, por último, teço alguns comentários sobre o funcionamento do exemplo em verbetes de dicionário escolar.

Tipos de exemplos

A classificação de exemplos fundamenta-se em vários critérios:

a) Quanto à função

A função preponderante de um exemplo depende do tipo de dicionário no qual ele é encontrado³. Com base em Humblé⁴ (2001, p.61), classificam-se os exemplos em dois tipos fundamentais:

Os exemplos para a leitura

- Dar conta do sentido que uma palavra tem, explicando-a ou aclarando-a pela via do exemplo:

1. ir. 1. Dirigir-se ou viajar a, ou deslocar-se [int. (seguido de indicação de lugar, meio, modo, tempo, etc.): *Nunca fui ao Nordeste.* (AULETE, 2009).

2. hiato. Encontro de duas vogais, cada uma em uma sílaba – A palavra saúde tem um hiato. (MATTOS, 2010)

3. Imerecido. Que a pessoa não merece: não merecido – Aquele escritor recebeu um prêmio imerecido: seu trabalho não era o melhor de todos. (MATTOS, 2010)

- Distinguir uma acepção das outras:

4. fibra 1. *Anat.Bot.* Qualquer das estruturas alongadas agrupadas em feixe que constituem tecido animal ou vegetal (*fibra muscular*): *alimento rico em fibras*. 2. Fio ou filamento de material diverso: *fibra de vidro.* (AULETE, 2009).

- Incluir certas orientações ideológicas:

5. Abocanhar. Tomar alguma coisa para si: abiscotar, apoderar-se, apossar-se – *A nova direção da fábrica de brinquedos espera abocanhar em breve a maior parte do mercado.* (MATTOS, 2010)

- Apresentar informações enciclopédicas (informações históricas e culturais), ou seja, o exemplo pode servir de veículo para a transmissão indireta de dados culturais e sociais⁵ (LARA, 1992, citado por ESCRIBANO, 2003, p.122):

6. ca.cau. Fruto do cacauero, de cujas sementes se faz o chocolate. O Brasil é o 2º. maior produtor mundial de **cacau**, com 349 mil toneladas (14,1% do total). (ROCHA, 2005);

7. Física. Ciência que estuda as propriedades da matéria e as suas leis – *O estudo do átomo pertence à Física.* (MATTOS, 2010)

- Acrescentar à definição informações semânticas:

8. Hiato. Espaço vazio entre dois espaços: intervalo, lacuna – *Sempre há um grande intervalo entre uma e outra visita dele.* (MATTOS, 2010).

Os exemplos para a produção textual

Além de o exemplo de uso assumir a função de recepção, como foi apresentada acima, funciona com a finalidade de auxiliar o consulente em suas produções de enunciados. Daí denominar-se *exemplo de produção*. E veicula informações sintático-semânticas e pragmáticas, assumindo várias microfunções:

- Incluir a palavra em um determinado contexto, assegurando a informação sintática necessária sobre restri-

³ Humblé (2001).

⁴ Humblé classifica os exemplos em *examples for decoding* e *examples for encoding*.

⁵ Os aspectos gramaticais predominam nos exemplos de verbos, de adjetivos, de advérbios, enquanto que os contextos culturais são mais frequentes nos exemplos de nomes (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 122). (Tradução minha).

ções seletivas (tal verbo tem sempre um sujeito animado, tal adjetivo se emprega só em tais contextos, por exemplo), mostrando ao leitor enunciados que sugerem determinadas relações (BAYLON e FABRE, 1994, p. 203):

9. galhudo. 2. *Zool.* Que tem chifres grandes. (*rena galhudo*). AULETE, 2009),

- Suprir as explicações gramaticais, assinalando, por exemplo, o regime dos verbos, o possível uso como adjetivo de um lema categorizado como pronome, a regência preposicional de certos advérbios, o uso transitivo ou intransitivo dos verbos e sua pronominalização (BERDET, 1996):

10. as.sis.tir 1. Acompanhar visualmente; ver, testemunhar: *Assistir* a uma sessão de cinema. (FERREIRA, 2010).

- Mostrar a palavra-entrada no contexto:

11. o.ca.si.o.nar. 1. Causar, motivar: *A desatenção ao volante pode ocasionar* acidentes graves. (FERREIRA, 2001).

- Indicar o uso de colocações típicas: “a colocação que se considera mais útil é a do verbo + substantivo, as de adjetivo + substantivo, ou vice-versa” (PÉREZ, 2000, p. 50):

12. isócrono. Que se realiza ao mesmo tempo ou com intervalos de tempo iguais: (*movimentos isócronos*). (AULETE, 2009)

- Ilustrar modelos gramaticais:

13. Homicida. amf ou smf. **1.** Que mata outra pessoa – *o assaltante homicida foi preso. / O homicida foi preso.* (MATTOS, 2010)

- Indicar registros ou níveis estilísticos:

14. Gamar. Ficar encantado com pessoa ou coisa; amarrar-se, vidrar-se – *Desde que viu a moça, o rapaz gamou por ela.* (MATTOS, 2010).

- Indicar usos regionais:

15. Maçante 2. [Regionalismo: Nordeste]. Que leva muito tempo fazendo as coisas: vagaroso o balconista maçante atende a poucas pessoas. (MATTOS, 2010).

- Atestar o uso real das expressões linguísticas, mas não só o “bom uso”:

16. Chocho pop. **1. Sem suco:** “*Pouco potássio causa maior número de grãos chochos e alta porcentagem de raízes podres.*” (AZ).

Sobre a importância do exemplo, é pertinente afirmar que, no dicionário escolar, um exemplo deveria ter *sempre* uma razão de ocorrer, pois mesmo que não tenha função para fins de compreensão, pode servir para auxiliar a produção; pode, ainda, funcionar para os dois casos, sendo, portanto, multifuncional.

b) Quanto à seleção do material:

Os exemplos podem ser extraídos de *corpora* textuais, orais ou escritos (exemplos autênticos), podem ser inventados (*exemplos fabricados*) ou ainda baseados em um *corpus*, mas adaptados pelo lexicógrafo (*exemplos adaptados*):

Exemplos autênticos. São os selecionados a partir de *corpora*. Esses exemplos recolhidos de *corpora* podem ser, por sua vez, de textos escritos, literários ou não, e de textos orais. Temos um autêntico, de Michaelles (2008):

17. Chocho pop. **1. Sem suco:** “*Pouco potássio causa maior número de grãos chochos e alta porcentagem de raízes podres.*” (AZ).

O autor extrai o exemplo de uma obra listada, entre várias, na introdução do dicionário. O exemplo vem após a definição e se apresenta entre aspas.

Segundo Martinez de Sousa (1995, p.174), os exemplos autênticos são extraídos de uma documentação cujas palavras, sintagmas ou fraseologias deveriam tomar-se:

- do estilo informal: *corpus* de concordância, formado por textos conversacionais, entrevistas veiculadas pelo rádio ou pela televisão;
- da literatura, a clássica, para os aspectos históricos; e a moderna, para os aspectos modernos;
- das publicações: em especial, as veiculadas na imprensa (revistas e jornais).

Deve-se afirmar, com base em Pérez (2000, p. 49), que “as citações literárias raramente funcionam eficazmente como exemplos, pois não revelam o uso normal de uma comunidade”. E acrescenta:

Há duas exceções que justificariam a presença do exemplo literário, apenas nos casos: 1) O melhor modo de exemplificar os casos das figuras retóricas é incluir uma mostra na qual apareça tal figura; 2) se um lema está marcado com a restrição **literário** ou poético, seria oportuno que o exemplo procedesse de uma fonte literária.

Lara (1992, citado por Escribano, 2003, p.120) comunga com a posição de Bajo Pérez, quando critica a presença dos exemplos literários. Segundo Lara, a língua literária se impunha como modelo do resto da sociedade, perdendo legitimação o uso comum. Felizmente, os dicionários brasileiros hoje estão reduzindo enormemente o número de exemplos literários, o que foi observado comparando as edições do Aurélio escolar, da primeira edição até a última.

Exemplos fabricados (inventados ou construídos). Nesse caso, o dicionarista cria seus próprios enunciados, gera seu próprio *corpus* de exemplo, tomadas diretamente de sua competência lexical.

Um exemplo inventado, em Mattos (2010):

18. Acessível amf. A que se pode chegar - *Levei*

pouco tempo: uma montanha acessível. Superl.: acessibilíssimo. Ant.: inacessível.

Há uma polêmica em torno da questão: se os exemplos deveriam ser autênticos ou inventados. Para Fox (citado por Calderón Campos, 1994, p. 66), não há dúvida da superioridade dos exemplos autênticos frente aos inventados. Dessa opinião compartilham Sinclair, (1994), Martínez de Sousa (1995) e tantos outros. Sinclair, citado por Calderón Campos (1994), por exemplo, chega a afirmar: “no mundo dos lexicógrafos, polariza-se em dois extremos: por um lado, aqueles ‘incautos’ que se atrevem a incluir exemplos inventados em seus dicionários; e frente a estes, o lexicógrafo ‘competente’, que somente recorre a exemplos reais, extraídos do corpus com que trabalha”. Outros autores, porém, posicionam-se a esse respeito, de forma bem diferente. Conforme Laufer, 1992, citado por Calderón Campos (1994, p. 167), os exemplos inventados, ainda que menos naturais, serão didaticamente mais úteis, pois caracterizam-se por serem mais fáceis de entender, posto que as necessidades dos usuários são levadas em conta. Para muitos teóricos, a única vantagem de se utilizar exemplos inventados é que o lexicógrafo pode focalizar exatamente o ponto linguístico que deseja ilustrar.

Calderón Campos (1994, p. 68) pondera em relação a essas discussões extremadas:

De todas as formas, a polêmica em torno da autenticidade dos exemplos me parece um problema secundário. O que é verdadeiramente importante é que os exemplos, sejam representativos, naturais, imitáveis e levem à curiosidade e ao interesse dos alunos e dos usuários, de um modo geral, a utilizar novas palavras. Se conseguirmos atingir esses objetivos, pouco importa que os exemplos sejam inventados ou autênticos.

O que talvez fosse interessante, diante da questão acima levantada, seria o fato de, no caso de se optar por exemplos inventados, submetê-los a controle, com o recurso simples de testá-los junto a falantes nativos (HERNÁNDEZ, 1989, p. 90).

Seja qual for o posicionamento assumido por esses autores em relação aos critérios que devem, ou não, ser adotados para a seleção dos exemplos, o que hoje não se discute é sobre a necessidade de apresentar exemplos de uso no dicionário destinado ao escolar. Pérez (2000, p.50) afirma que “*um dicionário sem exemplos é um dicionário mais pobre*”. Na introdução do *Le petit Robert*, aparece um comentário enfático sobre exemplo de uso, qual seja: “não é verdadeiro um dicionário sem exemplo”.

No entanto, não se deve pensar que o dicionário adquira características pedagógicas por encher-se de exem-

plo. Nada vale sua presença sem desempenhar uma função essencial no conjunto da aceitação.

Os bons exemplos são fundamentais na formação das informações, mas só se pode considerar-lhes bons os “representativos, naturais, imitáveis, que suscitem a curiosidade e o interesse” (CALDERÓN CAMPOS, 1994, p. 68).

Vale acrescentar, ainda, que a redação de exemplos de uso deverá ser em forma de enunciados completos, não muito curtos, contextualizados. Além disso, seu número não deve ser nem deficitário e nem excessivo (DAMIM, 2005, p. 78).

Exemplos adaptados. Como já se disse, são aqueles extraídos de corpora, mas adaptados pelo lexicógrafo.

São considerados por alguns teóricos, como Binon e Vellinde (2000, p.106), “mais esclarecedores, mais significativos, mais prototípicos e menos efêmeros” Drysdale (1987, citado por Santos, 2006, p.33) também opta pelos exemplos adaptados. Para esse autor, mesmo em uma grande base de dados é difícil encontrar exemplos que reúnam as condições necessárias para ilustrar os usos específicos, restrições e colocações e que estejam no nível de compreensão do estudante.

c) Quanto à estrutura textual.

De acordo com sua estrutura textual, López (2002) divide os exemplos em dois grupos: os que constituem enunciados e os que se reduzem a fragmentos de orações. Estes últimos, por sua vez, são formados por colocações ou sintagmas lexicalizados (ou formações sintagmáticas). Em Mattos (2010):

✓ colocações e sintagmas lexicalizados

19. Revista¹ sf. Ato de revistar - *a revista das bagagens*.

✓ enunciados

20. Entrante amf. Que está entrando ou começando - *O ano entrante deve ser melhor que este. En.tran.te.*

A maioria dos metalexicógrafos reconhece que o enunciado, como se vê acima, é a forma mais adequada para representar o exemplo de uso, por ser capaz de contextualizar a **entrada** de maneira completa, tanto situacional, como semântica e distribucionalmente.

Ideologia nos exemplos

A ideologia de uma época se manifesta em todos os paradigmas do dicionário, mas, conforme Ezquerria (1982, p.201), “é nos exemplos que a ideologia e a situação socio-cultural se manifestam mais claramente”, ao ponto de caracterizarem-se como *textos ideológicos*⁶, que revelam um posicionamento moral, uma atitude política. Segundo Cunill

⁶ DUBOIS (Ob.cit, p..92) coloca que: *ils forment un texte ideologique, constituant une moral, une politique, etc.*

(2004, p. 24), os exemplos refletem também o imaginário coletivo, um imaginário que representa mitos e rituais compartilhados, assim como referências históricas. A mesma pesquisadora observa, ainda, que:

os exemplos são repletos de sentido, de significações, por isso tão diversos e fascinantes; sem perder de vista em nenhum momento que, ao mesmo tempo que são reflexo, são também espelho, no sentido de que são um modelo (de língua, mas também de comportamento) de como deveria ser a realidade e o mundo.

Com efeito, não há verdadeiramente dicionário neutro, nem ingênuo, pois quem o produz tem um posicionamento ideológico. Embora hoje os dicionários sejam fabricados pelas máquinas, o homem administra o seu processo de construção. Este homem, o lexicógrafo, tem orientação política e visão de mundo, por ser um porta-voz de uma classe e estar inserido em seu tempo. Quanto ao cuidado que se deve ter em relação à ideologia veiculada pelos exemplos, cabe uma nota de Pérez (200, p. 51): “[...] ao menos os dicionários escolares deveriam ajustar os exemplos aos princípios constitucionais e à declaração dos direitos humanos”, já que não é possível exigir neutralidade na redação dos exemplos, porque, de fato, a neutralidade é um mito platônico.

Na Lexicografia brasileira, os exemplos de cunho enciclopédico são os que mais veiculam informações culturais e ideológicas, no sentido de representarem referências históricas e o imaginário coletivo.

Observe-se, agora, um verbete (Mattos, 2010), em que aparece um exemplo de uso:

21. Abocanhar 1. Apanhar alguma coisa com a boca: *O cachorro abocanhou o osso que lhe atirei.* **2.** Tomar alguma coisa para si: abiscoitar, apoderar-se, apossar-se - *A nova direção da fábrica de brinquedos espera abocanhar em breve a maior parte do mercado*

O exemplo de uso acima ilustrado, situado após a definição, reflete o poder que toda a empresa quer lograr: abafar ou, por que não dizer, eliminar a concorrente, sobretudo a menor, a mais fraca, no âmbito de seu campo de atuação.

Exemplo de uso e tipologia de dicionário

Nem todos os tipos de dicionários têm que, necessariamente, contemplar exemplos em sua microestrutura: um dicionário definitório que se destina apenas à leitura pode não conter exemplos e ser, não obstante, um bom dicionário, mas nem um dicionário de uso, nem um dicionário monolíngüe para estrangeiros, nem um dicionário escolar podem ser considerados dicionários de qualidade aceitável, se não incluir exemplos em suas acepções, como já assinalado antes.

Localização dos exemplos no verbete

Os exemplos normalmente se situam imediatamente depois da acepção, com a grafia estabelecida por cada dicionário. Em alguns casos, os exemplos se escrevem com letra cursiva, mas há outras formas para os destacar. O destaque tem razão de ser na medida em que indica uma função diferente daquela específica à definição. Isso significa dizer que os aspectos semióticos não aparecem no texto com fins estéticos, mas para significar. Também deve-se destacar no interior do exemplo a palavra-entrada através de algum símbolo.

Fariñas (2001) critica os dicionários escolares por não darem um tratamento satisfatório ao exemplo na parte introdutória do dicionário. E se restringem a apresentar informações como “há exemplos de uso em todas as acepções” ou “muitas definições levam exemplos”, quando deveriam, convenientemente, instruir os consulentes a encontrar uma palavra no dicionário a partir de amostra clara do uso do termo consultado, também seria recomendável que se falasse sobre como se procedeu a sua escolha para entrar na nomenclatura do dicionário ou alguns aspectos relativos à sua elaboração.

Nenhum exemplo

Vale dizer em relação à frequência baixa de exemplo nos dicionários estudados para as entradas representadas por terminologias, fraseologias, estrangeirismos, variantes regionais e variantes populares que isso ocorre, pelo fato de os autores de dicionários reconhecê-los como fato de língua, mas entendem que devam ser evitados nos contextos reais de comunicação formal, refletindo assim uma concepção normativa ou purista.

Barros (2000, p. 78), falando de alguns tipos de variantes no contexto da Lexicografia, coloca que “há usos que não estão contemplados nos dicionários, nem mesmo para serem condenados. Isso é respaldado em Dubois e Dubois (1971, p. 54) quando afirma que a ideologia em um dicionário pode ser refletido mais pela omissão do exemplo que pela sua presença no enunciado”.

Sobre as terminologias técnicas, Toope (1996) explica que os autores, em geral, não trazem exemplos para o termo quando há um referente simples e um campo limitado de aplicação. Apontaria ainda um outro motivo. Parece-me que pelo fato de os termos técnicos serem considerados monossêmicos, não trazem problemas para seu uso, até porque os termos, dentro de uma visão clássica da Terminologia, são usados por especialistas no diálogo com seus pares, não tendo espaço, no dicionário escolar, para o seu registro. Desse modo, cabe ao aluno apenas compreender o verdadeiro significado das terminologias, restringindo-se apenas à compreensão dos textos escolares.

Em outras palavras: os dicionários não informam sobre o valor pragmático das unidades especializadas, deixando de fora informações relativas a elas no que diz

respeito ao uso temporal, geográfico, social, estilístico. Esse procedimento tem base nos pressupostos wusterianos no sentido de não considerar variação das unidades léxicas especializadas, entendidas como monossêmicas, isoladas de contextos reais de comunicação

Mais observações sobre os dicionários brasileiros

No Brasil, a maioria dos lexicógrafos não tem reconhecido a importância dos exemplos de uso nos dicionários escolares, conforme comentários a seguir:

Ferreira (2010), por exemplo, apresenta um número pequeno de exemplos do tipo *inventado*, grafados em itálicos, e, menor ainda, é o número de exemplos autênticos, colhidos da literatura brasileira, apresentando-se sempre entre aspas. Neles, sublinha-se o termo contextualizado, que pode substituir a definição apresentada. Os exemplos funcionam para ilustrar construções sintáticas mais comuns e que se relacionam a verbos que possam apresentar algumas dificuldades, como é o caso do verbo **es.que.cer**.

Em Mattos (2010), os exemplos, em itálico, são abundantes, claros e funcionais, embora nem sempre apareçam atrelados a acepções que são oportunas.

Kury (2002) e Bueno (2007) não apresentam exemplos de uso. Luft (2004) traz pouquíssimos exemplos.

Sacconi (2010) apresenta exemplos, em linguagem simples e clara. Os exemplos funcionam ilustrando as construções sintáticas mais comuns e as diferenças de significado associados a diferentes regências, a exemplo de Ferreira.

Rocha (2005) traz exemplos para várias unidades, sendo que os posiciona no final do verbete, levando o leitor à seguinte pergunta: a qual acepção dentro do verbete o exemplo pertence? Aliás, neste dicionário, o exemplo parece ter a função única de incluir informação enciclopédica.

Nos dicionários analisados, somente Mattos (2010), com muita frequência, apresenta exemplo inventado, e os outros lexicógrafos se utilizam esporadicamente de qualquer tipo de exemplo, inventado ou autêntico. Ferreira, por exemplo, usa exemplos extraídos na maioria dos casos de textos literários, funcionando como abonação, e exemplos inventados, esses de forma mais frequente para ilustrar padrões sintáticos, como coligações de regência.

Mattos (2010) apresenta farta exemplificação, assumindo várias funções. Porém, algumas se expressam como fragmentos curtos de frase, apenas para expressar as combinações usuais, como no exemplo:

22. Revista¹ sf. Ato de revistar - *a revista das bagagens / A revista dos passageiros,*

23. Titular amf. ou smf. **1.** Que atingiu o posto mais alto da carreira de professor universitário – *Um professor titular / um titular.* Smf.

Ferreira (2010) apresenta exemplos, restringindo a exemplificação basicamente para ilustrar construções sintáticas em duas situações:

1. as construções sintáticas mais comuns se relacionam a verbos que possam apresentar alguma dificuldade, como *esquecer*:

24. es.que.cer v.t.d. **7.** Deixar por inadvertência: *esquecer de um guarda-chuva*

2. ou que apresentem significado diferenciado, conforme sua regência, como assistir:

25. as.sis.tir v. t.i. **1.** Estar presente; comparecer: *Assisti à cerimônia.*

Em alguns casos, também se usam exemplos curtos para ilustrar combinações usuais, como em Ferreira (2010) e em Aulete (2009), respectivamente.:

26. aus.te.ro (té) adj. **3.** Grave, ponderado: *tom austero.*

27. Caustico **2.** Fig. destrutivo, corrosivo (*Humor cáustico*).

Em síntese, alguns autores brasileiros se restringem a apresentar exemplos com um número reduzido de função e são as principais: a de ilustrar fatos sintático-semânticos e informações enciclopédicas.

Há entre os autores estudados, como Bueno e Rocha, que não apresentam exemplos de uso e há ainda aqueles, como Mattos, que incluem exemplos com as mais variadas funções, o que é algo positivo no contexto da Lexicografia moderna. Vejam-se mais alguns pontos sobre este paradigma:

1. Os exemplos, quando usados, costumam ser apresentados assistemáticamente, ou seja, apresentam-se para algumas acepções, e, para outras, não; ou então assumem poucas funções ou nenhuma no interior do verbete.

2. Os exemplos, em geral, não ilustram as fraseologias, quando se apresentam como subentendidas, conseqüentemente não ajudam o consulente a empregá-las.

3. Os exemplos, em alguns autores, ilustram informações sintáticas, como em Ferreira (2010);

4. Os exemplos, na maioria dos casos, são apresentados em frases curtas (ou segmentos de enunciado), em colocações, em sintagmas lexicalizados Ferreira (2010) e Mattos (2010);

5. Alguns autores apresentam muitos exemplos, porém não acrescentam nenhuma informação à explicação do significado do definido;

6. Os exemplos, quando aparecem, são em geral inventados e raramente autênticos.

7. Os exemplos, muitas vezes, são curtos, registrando combinações habituais ou colocações. Ferreira (2010) e Mattos (2010). Apresentam exemplos que ilustram casos de regência verbal.

8. Os exemplos não são iguais do ponto de vista de recursos tipográficos em todos os dicionários estudados.

No Brasil, os autores não costumam valorizar o exemplo como deveriam. Essa carência reflete-se nas introduções: não recomendam sua leitura aos consulentes, se resumem a definir o paradigma *exemplo e onde encontrá-los no corpo do verbete, como o faz Aulete (2009)*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exemplo em sua função decodificadora apresenta informações semânticas pertinentes à compreensão de unidades léxicas, que funcionam como entrada de verbete. Isso significa que não apenas a definição traz informações semânticas importantes para a compreensão, mas outros paradigmas, como o exemplo de uso, que pode ser bastante necessário à produção do sentido no âmbito do verbete, entendido aqui como texto. Daí Rey-Debove (1971, citada por Gelpí e Castillo, 2004) afirma que a definição incompleta, que é apoiada em exemplos, torna-se completa graças ao exemplo, de modo que os traços distintivos da coisa definida estão repartidos entre a definição e o exemplo.

Em termos de importância, o exemplo de uso acumula várias funções para ajudar o consulente não só a compreender as palavras que buscam, mas também a saber como usá-las num contexto real de comunicação. Sem dúvida, falha o autor que não apresenta exemplos. Um dicionário, para se autodenominar escolar, não pode deixar de apresentar exemplos, pelo menos quando necessário, uma vez que **uma** de suas funções é concretizar o significado veiculado em uma definição que se caracteriza pela abstração de seus conteúdos. Desse modo, o dicionário cumpre a função importante de produção e de compreensão, entre várias outras.

Os lexicógrafos, hoje, com o advento da Linguística de Corpus, têm produzido várias obras a partir de *corpus*. Os pesquisadores na área vêm defendendo que o corpus como ponto de partida é fundamental para a elaboração dos produtos lexicográficos, a exemplo do COBUILD. Pérez (2000, p. 114), depois de resenhar vários trabalhos sobre o tema, conclui: “os exemplos sempre devem ser retirados de um corpus, principalmente no caso das unidades fraseológicas”. Ela acrescenta que os *corpora* deveriam ser utilizados na seleção do material porque são os únicos que refletem o uso real e natural que destas expressões.

5 REFERÊNCIAS

AUROUX, S. A. *Revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

BERDET, Esther. Lengua, sociedad y diccionario. In: *léxico e diccionarios*. Tarrogana: Universitat Rovira i Virgili, 1996, p. 71-90.

BINON, Jean; VERLINDE, Serge. A contribuição da Lexicografia pedagógica à aprendizagem e ao ensino de uma língua estrangeira ou segunda. In: Leffa, Wilson J. (org.) *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas*. Pelotas: EDUCAT (2000).

CUNILL, Eulàlia Lleidó. Los ejemplos. CUNILL, E.L.; CALERO FIDEZ, M.A.; BERDET, E.F.(org.) *De mujeres y diccionarios. Evolución de lo femenino en la 22ª edición del DRAE*.

CALDERÓN CAMPOS, Miguel. *Sobre la elaboración de diccionarios monolingües de producción, las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas*. Granada: Universidad de Granada, 1994.

DAMIM, Cristina. *Proposição de critérios metalexigráficos para avaliação do dicionário escolar*. Dissertação (mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

DUBOIS, Jean e Claude. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.

ESCRIBANO, Cecilio. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: GUERRA, A.M.M. A. (org.) *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003, p. 103-126.

FARIÑAS, Luis F. Alzola. *Las Presentaciones de los diccionarios escolares*. Breve historia de un elemento didáctico olvidado por las editoriales, los profesores y los usuarios. Glosas Didáticas n.6, 2001, Disponível em: <http://sedll.org/doces/publicaciones/glosas/n6/alzola.html>.

GELPÍ, C.; CASTILLO, N. As definições de conceitos especializados em dicionários monolíngües. In: *Cadernos de Tradução. A terminologia em Foco*. N. 17, 2004, p. 129-136.

HERNÁNDEZ, Humberto. El diccionario entre la Semántica y las necesidades de los usuarios. In: *Aspectos de Lexicografía Contemporánea*. Barcelona: Vox Bibliograf, 1994.

_____. *Los diccionarios de orientación escolar: contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

HUMBLÉ, Philippe. *Dictionaries and Language Learners*. Frankfurt am Main, 2001.

LÓPEZ, José Luiz. *Los términos de la Física en los diccionarios generales y especializados*. Tese (doutorado em Filologia) Lérida, Universidad de Lérida, 2002.. Disponível em: http://www.tesisenxarxa.net/TESIS_UdL/AVAILABLE/TDX-0821103-125440/

MARTINEZ DE SOUSA, José. *Diccionario de Lexicografía Práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.

PÉREZ, Elena. *Diccionarios. Introducción a la historia de la Lexicografía del español*. Ediciones Trea, S.L, 2000.

SANTOS, Maria Gorete Bender dos. Análise de exemplos no dicionário bilingue de uso português-espanhol (DIBU) – Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

FONTES

AULETE, Caldas. *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2007. (Ed. rev. e atual).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI*. 5ª ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio*. 6. Ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2010.

KURY, Adriano da Gama. *Minidicionário Gama Kury da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2001.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. 20ª ed. 12ª impressão. São Paulo: Ática, 2004.

MATTOS, Geraldo. *Dicionário Júnior da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: FTD, 2010.

ROCHA, Ruth. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2005.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário essencial da língua portuguesa*. São Paulo: Atual, 2001.